

AS MULHERES SEGUNDO BERNAD DE MORLAS, MONGE DO SÉCULO XII

A mulher ignóbil, a mulher pérfida, a mulher vil
Macula o que é puro, rumina coisas ímpias, estraga as ações [...].
A mulher é fera, seus pecados são como a areia.
Não vou entretanto caluniar as boas a quem devo abençoar [...]
Que a má mulher seja agora meu escrito, que seja meu discurso [...]
Toda mulher se regozija de pensar no pecado e de vivê-lo.
Nenhuma, por certo, é boa, se acontece no entanto que alguma seja boa.
A mulher boa é coisa má, e quase não há nenhuma boa.
A mulher é coisa má, coisa malmente carnal, carne toda inteira.
Dedicada a perder, e nascida para enganar, perita em enganar,
Abismo inaudito, a pior das víboras, bela podridão,
atalho escorregadio [...], coruja horrível, porta pública, doce veneno [...].

Ela se mostra inimiga daqueles que a amam, e se mostra amiga de seus inimigos [...]
Ela não exclui nada, concebe de seu pai e de seu neto.
Turbilhão de sexualidade, instrumento do abismo, boca dos vícios [...]
Enquanto as colheitas forem dadas aos cultivadores e confiadas aos campos,
Essa leoa rugirá, essa fera maltratará, oposta à lei.
Ela é o delírio supremo, e o inimigo íntimo, o flagelo íntimo [...].
Por suas astúcias uma só é mais hábil que todos [...].
Uma Loba não é mais má, pois sua violência é menor,
Nem uma serpente, nem um leão [...]
A mulher é uma feroz serpente por seu coração, por seu rosto ou por seus atos.
Uma chama muito poderosa rasteja em seu seio como um veneno.
A mulher má se pinta e se enfeita com seus pecados,
Ela se disfarça, ela se falsifica, ela se transforma, se modifica e se tinge [...]
Enganadora por seu brilho, ardente no crime, crime ela própria [...].
O quanto pode, ela se compraz em ser nociva [...]
Mulher fétida, ardente enganar, flamejante de delírio,
Destruição primeira, pior das partes, ladra do pudor.
Ela arranca seus próprios rebentos do ventre [...]
Ela trucidada da sua progenitura, abandona-a, mata-a, no encadeamento funesto.

Mulher víbora, não ser humano, mas fera selvagem, e infiel a si mesma.

Ela é assassina da criança e, bem mais, da sua em primeiro lugar,

Mais feroz que a áspide e mais furiosa que as furiosas [...].

Mulher pérfida mulher fétida, mulher infecta.

Ela é o trono de Satã; O pudor está em seu cargo; foge dela, leitor.

Apud DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.325-326.